

LITERATURA DE CORDEL: Um recurso pedagógico

Luana Rafaela dos Santos de Souza

Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Cultura pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL
luana.analu@outlook.com

Orientadora Virginia de Oliveira Alves Passos

Doutorada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
virginia.alves@univasf.edu.br

RESUMO

O presente artigo surge da necessidade de discutir a inserção da Literatura de Cordel no contexto escolar, partindo da noção de que esse recurso pedagógico constitui um artefato histórico, uma criação humana dotada de significados que possibilita desenvolver um olhar para a realidade, para o cotidiano. A metodologia utilizada para desmembramento dos objetivos foi a de revisão bibliográfica, tendo como referência teórica os autores, Alves (2013), Bakhtin (2010), Barroso (2012), Medeviédev (2012) e Marinho (2012), entre outros, que nos ajudam a compreender que o texto literário não é uma atividade de ‘dizer para informar’ e que esse se lança para fora da configuração formal corriqueira, provocando também admiração e gosto, estimulando o mundo da fantasia, o mundo do imaginário ou a de um mundo no qual o ‘real’ [é] transposto a um mundo imaginativo, de ficção, para além do palpável/concreto. Essa pesquisa tem como objetivos: i) reconhecer a importância da literatura de cordel enquanto artefato cultural do povo nordestino e brasileiro e ii) apresentar o cordel como recurso pedagógico para construção da aprendizagem. Com a pesquisa é possível perceber que a literatura de cordel nos oferece diferentes formas de aprendizagem e ensinamentos, trazendo para a escola toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana.

Palavras-chave: Cordel. Nordeste. Literatura. Educação

ABSTRACT

This paper emerges from the necessity of discussing the insertion of the *Cordel* literature in the school environment, from the idea that this pedagogical resource constitutes a historic artifact, a human creation filled with meanings that make possible to develop a look into the reality. The methodology used to reach the objectives was the bibliographical review, using the theoretical reference of authors such as Alves (2013) Medeviedev (2012) and Marinho (2012), among others that help us to understand that the literary text is not an informative activity and that it launches itself outside the formal configuration causing admiration and

pleasure, stimulating the fantasy and imaginary world, or a world in which the “real” is transposed to the imagination world, made of fiction, that lies beyond the touchable and concrete. This research aims to recognize the importance of *Cordel* literature as a cultural artifact of the people from the northeast of Brazil, as also to present the *Cordel* as a pedagogical resource to build knowledge. The research made possible to perceive that *Cordel* literature offers us different ways of teaching and learning, bringing to school all the abundance of experiences with different forms of understanding and interpreting the real, the life and the human condition.

Keywords: *Cordel*. Brazilian northeast. Literature. Education

1 INTRODUÇÃO

Afim de melhor compreender os desdobramentos pelo quais o ensino de literatura de cordel tem ganhado no espaço escolar, propôs-se nesta pesquisa discutir sobre literatura de cordel e ensino. Seu objetivo consiste em apresentar a importância da literatura de cordel e apresentá-la como um recurso pedagógico. Neste estudo, discutiremos a inserção da literatura de cordel no rol das correntes da literatura que merecem ser levadas ao espaço escolar. Em função disso, organizamos este artigo em três grandes blocos: o primeiro aborda o surgimento, características e história do cordel; o segundo discute o texto literário na sala de aula e o terceiro realiza abordagens metodológicas do cordel no cotidiano escolar.

A importância da literatura de cordel no espaço nordestino tem uma grande significação, pois a função ocupada por ela numa sociedade onde o livro era raro e o analfabetismo existia, era a de ser um recurso pedagógico. Eram os folhetos lidos pelos alfabetizados que possibilitavam conhecimentos aos analfabetos. Na concepção, de Diégues Junior (2012), as narrativas tradicionais, os romances herdados de vetusta tradição histórica ou novelística, transferidos da prosa para a poesia, no deleite dessa população analfabeta, que enriquecia assim de erudição. Assim, “não raro também a exibição de conhecimentos que cantadores analfabetos fazem, por decorrência desse conhecimento de oitava (DIÉGUES JUNIOR, 2012)”.

Observamos que, ao longo do tempo, a função social do cordel sofreu modificação. Assim, falamos da caducidade desse gênero. Os folhetos já foram um dos principais veículos de informação quando ainda não existia o rádio e o jornal era um veículo escasso. O folheto era o elemento mais expres-

sivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos. Eles estavam presentes nos mercados, nos serões familiares, nas feiras livres, mas sua função social se modificou, começa a se transformar em livro didático utilizado para alfabetização (VIANA, 2010). Desse modo, cada vez mais cresce o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, especialmente da região Nordeste, pela literatura de Cordel. Esse gênero já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, porque tem sido responsável pela alfabetização de milhares de nordestino (VIANA, 2010).

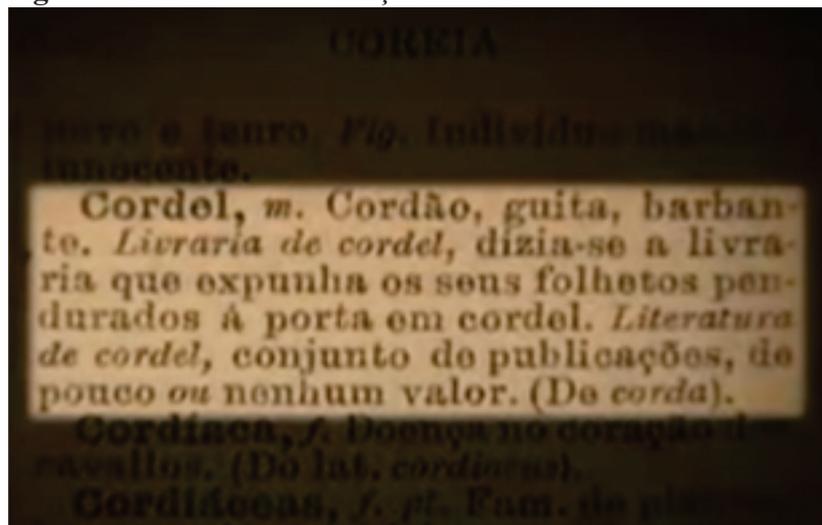
Nessa perspectiva, propomos pensar a importância dos gêneros discursivos, incluindo a literatura de cordel como ponto de partida, tomando como base as concepções de Medviédv (2012) e Bakhtin (2010) acerca dos gêneros discursivos. O teórico compreende que para conceber o gênero é importante considerar as questões temporais, espaciais, ideológicas que organizam o discurso e o configuram, da mesma maneira que os elementos linguísticos, enunciativos, formais possibilitam sua existência (MEDVIÉDEV, 2012). Assim, os gêneros são produtos culturais construídos por determinada comunidade histórico-social. Por esse razão, não basta apenas ensinar uma lista de características acerca da literatura de cordel, porque não será suficiente para garantir que um aluno saiba escrever ou ler bem. Ensinar um gênero pressupõe um convívio anterior com esse gênero, como destaca Landeira (2009).

2 O SURGIMENTO DO CORDEL: CARACTERÍSTICAS E HISTÓRIA

Procuramos recuperar o significado do termo “cordel” e como essa definição implica no processo de marginalização que paira sobre a literatura de origem popular. Para Gonçalo Ferreira da Silva, poeta e presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), localizada no Rio de Janeiro, a origem da literatura de cordel é ibérica, ligada especificamente a Portugal e a Espanha. Mas não se restringe apenas a esses dois países, pois a literatura de cordel atravessou o período medieval. O poeta argumenta que, no Brasil, o cordel chegou primeiro em Salvador, na mala dos colonizadores portugueses e que depois ele foi sendo difundido para outros estados do Nordeste, em sua modalidade oral.

O poeta explica que o verbete “cordel” surgiu em 1881, com o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Carlos Aulete. No dicionário, o verbete “cordel” aparece como cordão, gaita, barbante; já “literatura de cordel” é definida como conjunto de publicação, de pouco ou nenhum valor, como vemos:

Figura 01: Recorte da definição do verbete “cordel”¹



Podemos perceber que esse gênero foi e é ainda em nossos dias marginalizado, porque não faz parte do cânone brasileiro. Foi uma literatura menosprezada, na qual muitos questionam o seu valor, seja como objeto artístico, ou até mesmo como literatura. Refletir sobre tais assuntos perpassa sempre pela questão de poder. Assim, cabe interrogarmos: a) quem eram os cantadores de cordel? ; b) quais os hábitos culturais desses indivíduos? e c) de que maneira os folhetos dialogavam com a realidade?

De acordo com Barroso (2012), a literatura de cordel teve início primeiramente na forma de cantigas trovadorescas, auxiliadas por instrumentos musicais. O trovadorismo estabelece uma ponte entre a literatura de cordel em Portugal e a literatura de cordel no Brasil, porque foi trazido pelos colonizadores que aqui chegaram. As cantigas incorporam os aspectos culturais brasileiros em sua poética, adaptação que ficou conhecida como cordel. Barroso (2012) fala que o gênero ficou conhecido porque suas folhas eram expostas através de barbantes para serem comercializadas nos mercados ou nas feiras livres. De acordo com ela, os cordelistas consideram que a cantoria não pode ser considerada literatura de cordel, apenas o folheto. Porém, a pesquisadora problematiza a questão ao dizer que se pegarmos o folheto (escrito), temos as mesmas métricas, formatos, enfim, a mesma poética. Ela aborda que essa distinção entre cantoria e folheto provavelmente está ancorada numa relação de poder.

Barroso (2012) frisa que há na literatura de cordel dois elementos significativos que despertaram o olhar da pesquisadora: a oralidade e o riso, pois a questão de jocosidade (provocar o riso) é muito forte no cordel.

¹ Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Pv8x3ulR9RA>>. Acesso 22 de março de 2016.

Nesse estudo, não podemos deixar de falar sobre as duas modalidades linguísticas, quais sejam, a oralidade e a escrita. Barroso (2012) argumenta que há uma questão de valor (hierarquia) estabelecida entre essas duas modalidades da língua, pois parece que o folheto por ser escrito teria maior *status* na sociedade, enquanto a fala parece ficar em segundo plano. Essa pesquisadora destaca que apesar da escrita ser detentora de grande prestígio social, estamos inseridos numa cultura oral, porque passamos a maior parte do tempo falando e pouco tempo escrevendo.

3 O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA

Alves (2013) em “o que ler? Por quê? A literatura e seu ensino” discute sobre literatura e ensino, problematizando a abordagem do cânone. Ele explica que sua pesquisa não nega o cânone, mas propõe que ele deve abarcar em seu *corpus*, entre outras manifestações, a literatura de origem popular. Mais especificamente, no tocante à literatura brasileira, o pesquisador defende a literatura de cordel no rol das correntes da literatura que mereciam ser levadas ao espaço escolar. Para o pesquisador, toda manifestação artística, de qualquer grupo ou classe social, veiculadas por suportes orais ou escritos, deve fazer parte da escola. Para ele, é relevante porque toda vivência artística de qualquer grupo comunica uma experiência específica do mundo. Nesse sentido, é necessário trazer a literatura de cordel para o espaço escolar, de modo que possamos ouvir a experiência do outro não como menor, ou menos universal, mas como diferente.

Conforme Alves (2013),

Se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas ao grupo a que esteve ligado em seu nascedouro, certamente ela poderá ter um significado para outros leitores, uma vez que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, de percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza (ALVES, 2013, p. 38).

O pesquisador frisa que nenhuma história da literatura brasileira, desde a clássica obra de Sílvio Romero (1980), perpassando por José Veríssimo (1976), Ronald de Carvalho (1919) e a importante “Antologia nacional”, organizada por Fausto Barreto e Carlos Laet (1960) até as obras mais contemporâneas como a “História concisa da literatura brasileira”, de Alfredo Bosi, abordou como matéria de estudo a literatura oral, mais especificamente, a literatura de cordel. Surgem obras contemporâneas como “A literatura no Brasil”, por Afrânio Coutinho (1986), na

qual a literatura de cordel é citada no ensaio 4, do volume 1, “O folclore: literatura oral e literatura popular”, assinado por Câmara Cascudo. Conforma Alves (2013), a obra “Introdução à literatura oral”, de Luís da Câmara Cascudo, não olha especificamente para a formação escolar, em razão de que “toda a literatura que circulou no meio do povo ficou à margem dos estudos literário e dos conteúdos tanto do ensino básico quanto do universitário” (ALVES, 2013, p. 37).

Alves (2013) pontua em sua pesquisa que apenas duas obras mais antigas trazem a literatura de cordel para dialogar com outras obras literárias, quais sejam, “Literatura brasileira em curso (RIEDEL *et al.*, 1968) e “Didática da literatura” (DANTAS, 1984). Ele explica que essas foram obras tímidas, mas que provocaram certo avanço, porque a primeira aborda o importante folheto “O romance do Pavão Misterioso”, de José Camelo de Melo Resende, como componente de um núcleo temático voltado para o amor. O capítulo da obra de Dantas (1982) faz uma leitura do folheto *O assassino da honra ou a Louca do Jardim*, de Caetano Cosme da Silva, na qual foca uma perspectiva estrutural. Dessa maneira, Alves (2013) ressalta que esses trabalhos tratavam de aplicar um modelo de análise a um texto de origem popular, e que como proposta didática para o ensino de literatura de cordel se torna algo de pouco alcance.

Em um contexto mais amplo de divulgação da literatura de cordel, tanto no meio intelectual e acadêmico, Alves (2013) cita importantes antologias de folhetos organizadas por pesquisadores ligados à Casa de Rui Barbosa, na década de 1960, sob a articulação do crítico Manoel Cavalcante de Proença (1986). Outro fato pertinente é a publicação de folhetos como livros e de antologias de cordel por grandes editoras, visando a compras governamentais de livros para a escola.

Entendemos que há relações constitutivas sobre a linguagem e o gênero discursivo, seja no campo artístico, seja no cotidiano, em que a relação entre a linguagem, os sujeitos, a(s) sociedade(s) e cultura é indissociável. Com esse direcionamento, o Círculo de Bakhtin se contrapôs à vertente dos estudos literários do formalismo russo, vertente bastante estudada até o final dos anos 1980. Medviédev (2012) postula que os formalistas não compreenderam a importância dos gêneros discursivos, uma vez que estes devem ser o ponto de partida da poética. Ele constrói o arcabouço teórico-metodológico ao focar a questão do gênero em sua totalidade, da obra/enunciado. Assim, Medviédev (2012) explica:

o gênero emerge da totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço (MEDVIÉDEV, 2012, p.15).

Para o autor, o sentido de enunciado é como um todo que articula o interior/exterior. Nesse sentido, o gênero se define por uma *dupla orientação na realidade*. Essa concepção impera nos trabalhos do Círculo de Bakhtin, pois para conceber o gênero é importante considerar as questões temporais, espaciais, ideológicas que organizam o discurso e o configuram, da mesma maneira que os elementos linguísticos, enunciativos, formais possibilitam sua existência (MEDVIÉDEV, 2012).

É preciso considerar a primeira orientação, que é o modo como a exterioridade implica no gênero, isto é, que está relacionada à vida, no que concerne ao tempo, ao espaço e à esfera ideológica, na qual o gênero se filia. Nessa perspectiva, o enunciado como totalidade se constrói em um espaço e em um determinado tempo real, podendo ser oral ou escrito, envolve a existência de um público/auditório de receptores, destinatários, ouvintes/leitores, e conseqüentemente, uma reação dessa recepção. Dessa reação, estabelece-se um diálogo, uma interação.

Medviédev (2012) argumenta que a segunda orientação está direcionada também para a vida, a partir da interioridade do gênero, relacionada a formas, estruturas e conteúdo temático do enunciado em sua totalidade, motivo que lhe permite ocupar um lugar na vida cotidiana, aproximando-se de uma esfera ideológica. Assim, ao olhar para o texto literário não focamos apenas a dimensão marcada pelos aspectos linguísticos, pela forma, pelo conteúdo temático, mas passamos a olhar para esse conjunto vinculado a outro aspecto essencial na/para a compreensão de gênero: a noção de esfera ideológica, que envolve e constitui a produção da obra/enunciado. É fundamental ressaltar a relação que os folhetos de cordéis possuem com a vida, no sentido cultural, social, artístico etc.

Medviédev (2012) enxerga o gênero como enunciado em sua totalidade, com a dupla orientação na realidade. Logo, podemos entender que

[...] entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado tempo e circunstâncias. Ele ocupa certo lugar, que é concedido pela vida, enquanto corpo sonoro real. Esse corpo está disposto entre as pessoas que estão organizadas de determinada forma. Essa orientação imediata da palavra como fato, mais exatamente como feito histórico na realidade circundante, mediante toda variedade de gêneros dramáticos, líricos e épicos (MEDVIÉDEV, 2012, p. 16).

Acerca dos gêneros, Bakhtin (2010) defende que a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e

também porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia a medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Almeida (2014), observa que ao longo do tempo, a literatura esteve distante do seu público alvo nas escolas em virtude da forma como era passada, uma vez que, concebida como “Belas Artes”, carregava uma elitização que não condiz com sua perspectiva social, cultural histórica e com seus objetivos. De acordo com a autora, esse ensino distanciado da literatura caracteriza um dos obstáculos no ensino da literatura.

Não importa a complexidade e o elitismo que se atribui à literatura, destaca Almeida (2014), o importante é que o acesso ao texto literário seja possível, sem subestimar a capacidade do leitor ou ‘prendê-lo’ em uma determinada condição e usar tal condição para negar-lhe o texto, seja canônico, clássico, moderno ou popular. Desse modo, a literatura deve ser vista em sua diversidade, tornando-se uma mediadora entre diferentes culturas.

Nessa direção, Almeida (2014), aponta que o professor deve ter em mente que, seja qual for a forma de ensino ou recursos tecnológicos adotados, o texto deve ser o condutor da relação professor/aluno e deste com o mundo e consigo mesmo. Desse modo, a autora enfatiza que:

O texto literário deve ser visto de modo que seus aspectos estilísticos e estéticos sejam contemplados; os fatores estruturais, formais, discursivos e de conteúdo, são elementos para a formação ou visão de um todo, de modo que seja possível, também, a dialética interno/externo que estimule a observação dos fatores socioculturais, históricos, psicológicos, entre outros (ALMEIDA, 2004, p. 10).

Acerca da relação entre literatura e ensino, Cosson (2006) pontua que para reconquistar o lugar da literatura na sala de aula e tornar o ensino de literatura mais uma vez uma prática significativa é preciso também traduzir para o ensino de hoje o sentido das práticas de outrora, mostrando por meio do exemplo da leitura de obras literárias, que a literatura, quando ensinada adequadamente, tem um papel fundamental a cumprir na sala de aula.

Explorar o texto literário significa discutir sua compreensão e, a partir dela, promover a interpretação por meio das mais variadas atividades como observa Cosson (2002). Nesse contexto, é papel do professor ajudar o aluno a fazer essa passagem, questionando, relacionando e analisando os mecanismos literários com os quais o texto foi construído. Albuquerque e Leal (2010) advogam ainda que o professor, ao estimular o desenvolvimento dos modos de ler a obra

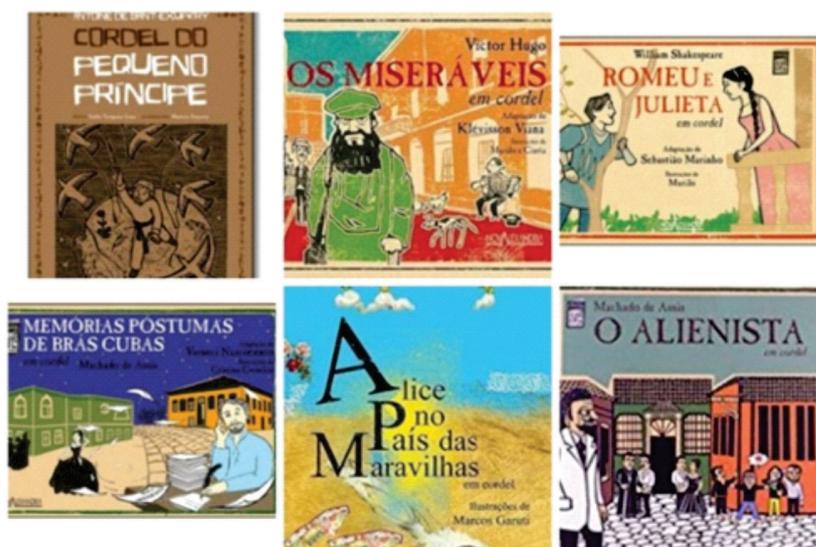
literária, além de contribuir para a aprendizagem da literatura, ampliando o acervo textual de cada aluno, seus conhecimentos sobre a história da humanidade, os autores, os estilos, contribui para o desenvolvimento pessoal, das subjetividades, do “ser no mundo”, promovendo, ainda, o desenvolvimento de estratégias de leitura que podem ser usadas em muitas e variadas situações de interpretação textual.

Uma das questões a ser observada, é que o espaço da literatura em sala de aula é um lugar de desvelamento da obra que confirma ou refaz conclusões, aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo do aluno, em função disso, a análise literária é fundamental (COSSON, 2006). Nesse sentido, a escola pode ajudar a construir motivações para que o ato de ler seja mais do que uma exigência escolar. É fundamental que para isso, a escola desenvolva experiências planejadas de inserção dos estudantes no mundo da literatura. No tocante as experiências diversas, esta pesquisa aborda uma série de atividades envolvendo o trabalho com a literatura de cordel.

A partir de Antunes (2012), aprendemos que o texto literário não é uma atividade de ‘dizer para informar’ e que esse se lança para fora da configuração formal corriqueira, provocando também admiração e gosto. Para ela, a literatura estimula o mundo da fantasia, o mundo do imaginário ou a de um mundo no qual o ‘real’ [é] transposto a um mundo imaginativo, de ficção, para além do palpável/concreto. A percepção de Antunes (2012) é de que a literatura cria um mundo particular, mas um mundo a ‘imagem e semelhança’ do nosso; por vezes fora de qualquer modelo protótipo.

Antunes (2012) explica-nos que essa fuga para o imaginário já provoca um ar de inusitado no texto. A pesquisadora revela outra estratégia que também é responsável pela criação do caráter inusitado da literatura: *a violação dos cânones da linguagem comum*. Antunes (2012) argumenta que a fuga do mundo real legitima as reinvenções de outros ‘modos de dizer’, o outro mundo simbolicamente criado ou recriado, culmina também pela ‘construção de um novo jeito de dizer’ ou de ‘desconstrução da linguagem’.

A literatura de cordel é uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira, considerado também um legítimo objeto de ensino. Na contemporaneidade podemos encontrar inúmeros clássicos adaptados para a literatura de cordel, fazendo com que crianças e adolescentes despertem o gosto pela leitura. Folhetos, como *Cordel do Pequeno príncipe*, *Os Miseráveis em cordel*, *Romeu e Julieta*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Alice no país das maravilhas* e *O Alienista em cordel*:



Fonte: Acervo da autora

Hoje, a literatura de cordel tem conquistado mais espaço e visibilidade, visto que editoras e poetas trabalham intensamente para divulgar folhetos, professores realizando experiências em sala de aula, investigações sendo desenvolvidas no espaço acadêmico (MARINHO, 2012). Assim, Marinho (2012) explica que abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura popular é uma conquista de extrema relevância, pois:

Acreditamos que a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística. Considerá-lo apenas como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma atitude que contribua para a construção de uma significativa experiência de leitura de folhetos (MARINHO, 2012, p. 12).

Desde que surgiram os primeiros folhetos impressos, no último quartel do século XIX, a Literatura de cordel tem sido uma poderosa ferramenta de alfabetização e incentivo à leitura, visto que para Barroso (2012), o folheto aproxima o leitor/ouvinte porque ao ler é como se ele também estivesse ouvindo, assim o cordel é uma escrita para a oralidade, diferente do romance, que é escrito para uma leitura individual, introspectiva. Na compreensão da pesquisadora, o cordel é passado para a escrita, mas traz em sua composição elementos da oralidade, seja na construção narrativa ou no processo de criação, divulgação e transmissão. Barroso (2012) chama esse processo de “dinâmica” da oralidade, no qual o processo de criação ocorre por modalidade oral e só depois ele passa para a modalidade escrita.

Nas duas últimas décadas do século XX, o Cordel esteve ameaçado de extinção devido o fechamento de várias editoras e o falecimento de grandes poetas do passado. No entanto, a cultura popular tende a resistir, e a partir de 1999 com o surgimento das editoras Tupynanquim (em Fortaleza-CE), Coqueiro (em Recife-PE) e Queima-bucha (Mossoró-RN), a Editora Luzeiro (de São Paulo) e o CECORDEL (Centro de Cordelistas do Nordeste), fazem com que a produção de cordel continue sendo difundida.

O Projeto Acorda Cordel na sala de aula, criado pelo poeta Arievaldo Viana teve como proposta inicial difundir através de palestras em salas de aula para alunos, professores e arte-educadores que se interessam pela difusão da poesia popular em classe. Em 2002 o projeto foi aderido pela Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do município de Canindé (CE), que o adotou em aulas do EJA (Educação de Jovens e Adultos). A Secretária de Educação do município financiou a publicação de uma caixa contendo 12 folhetos que foi distribuída gratuitamente entre professores do município e alunos concludentes do curso de alfabetização.

A escola tem uma enorme importância na defesa, promoção, difusão e conhecimento das manifestações culturais populares. Todavia, Silva Costa (2008) assegura que talvez não esteja da mesma maneira claro para muitos de nós a significativa contribuição que as manifestações culturais populares podem trazer para a escola. As reflexões de Silva Costa (2008) conduzem a necessidade de construir historicamente e coletivamente a escola como um espaço onde diferentes linguagens possam produzir um novo sujeito.

A linguagem sabemos, é a capacidade de expressar, de simbolizar e comunicar ideias, sentimentos, sensações... enfim, de dizer o mundo. Portanto, aquilo que existe de mais humano no homem. Uma escola concebida como um espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens permitiria florescer, também, uma pluralidade de sentidos, de novos sentidos do humano. Uma escola apta a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não mais pura e simplesmente reprodutora de aprendizado técnico (SILVA COSTA, 2008, p. 15).

A importância literatura oral nos oferece diferentes formas de aprendizagem e ensinamentos, possibilitando trazer para a escola toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana. É dessa maneira que nos colocamos a pensar sobre cordel como um recurso pedagógico, através do qual é possível desmarginalizar e incluir suas expressões artísticas dentro da escola, numa troca permanente de saberes e questões.

4 O CORDEL NO COTIDIANO ESCOLAR: ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Magnani (2001) expõe a adoção de não optar por uma única (e exclusiva) metodologia para discutir questões relacionadas à literatura. Porque segundo a autora não optar exclusivamente por uma teoria é criar por meio de um referencial de vida, os métodos e teorias que com sua natureza “política” possam auxiliar na realização do objeto proposto. Neste sentido, a relação entre leitura, literatura e escola possa influenciar na formação do gosto. A literatura é entendida como “práticas discursivas”, termo usado por Foucault (1997) para quem a realidade não é um dado, mas um efeito, uma operação de práticas discursivas “ordenadoras” do mundo social, chamadas lógico efeito-instrumento. Assim, para Foucault (1997) produzimos domínios de saber (instrumentos) que incitam a produção de discursos e a manifestação de comportamentos. Nessa direção, compreendemos que o objeto de estudo deverá ser todo o conjunto de práticas discursivas, e não apenas as práticas rotuladas de “literatura”.

Uma prática pedagógica que utiliza a literatura de cordel apenas como fonte de informação (pesquisas sobre fatos históricos, sobre determinados personagens, sobre fatos da linguagem), que retoma esta produção cultural apenas como objeto de observação é totalmente inadequada para a sala de aula, sobretudo para o Ensino Fundamental. Diante disso, Marinho (2012) frisa que “um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo.” (p. 126).

As concepções de Marinho (2012) ajuda-nos a refletir acerca de atividades e traças procedimentos metodológicos para serem trabalhados no cotidiano escolar, no qual a literatura de cordel possa ser experimentada e vivenciada pelos leitores. A atividade fundamental com relação ao folheto é a leitura oral, fazendo uma sondagem acerca do “horizonte de expectativa” de nossos leitores. Partindo de questões como: i) de que gostam; ii) quais seus interesses mais imediatos?; iii) como encaram experiências diferentes das suas? e iv) que experiências culturais lhe são mais determinantes?

Marinho e Pinheiro (2012) apresentam algumas sugestões para o trabalho com a literatura de Cordel: atividades envolvendo toda a escola podem ser realizadas, uma boa estratégia é a realização de uma Feira de Literatura. A Feira pode ser realizada em uma tarde, uma manhã, durante um dia; por exemplo, ser uma atividade específica, mas também figurar dentro de uma semana cultural, artística etc. Ela pode compreender diferentes atividades, como as que elencamos a seguir:

- a. folheteiros vendendo seus folhetos;
- b. emboladores e violeiros cantando, fazendo desafios, improvisando;
- c. exposição de xilogravuras e de folhetos antigos e/ou novos;
- d. murais com reportagens sobre cordelistas e literatura de cordel em geral;
- e. palestras e oficinas de criação de poemas de cordel, realizadas por poetas locais;
- f. encenação de histórias de cordel adaptadas para o teatro ou de peças inspiradas em folhetos;
- g. sessões de cinemas com filmes inspirados em folhetos ou que, de algum modo, toquem na questão da literatura de cordel;

A Feira pode conter outras atrações. Tudo dependerá de como o trabalho foi feito, como os alunos foram estimulados e das condições materiais para trabalhar, assim como da própria inventividade do grupo de trabalho.

Outra atividade que pode ser realizada em sala de aula é discutir e trabalhar as ilustrações típicas dos folhetos, que são as *xilogravuras*. Depois que os alunos conhecerem um número significativo de xilogravuras, deve-se conversar sobre esta forma de produção cultural, chamando atenção para as condições sociais em que foram e continuam sendo confeccionadas, sua relação com as histórias, seu caráter mais ou menos realista, dentre outras questões. Os alunos podem inclusive criar xilogravuras a partir de sua realidade, envolvendo a sala de aula, a escola, o bairro etc.

Outra atividade envolve a mobilização do corpo docente para organizar uma feira literária, na qual seriam homenageados diferentes cordelistas. Cada turma fica responsável por apresentar um cordelistas, bem como sua produção artística.

Outra atividade agradável é o debate oral ou escrito com o professor e os colegas acerca da variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos e imaginários. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar o debate em sala. Essa atividade pode ser feita através de um folheto que instigue o debate, tais como *Viagem a São Saruê* e *As proezas de João Grilo*.

Outra atividade que recupera a capacidade da criança e do jovem de fantasiar, de recriar a realidade, é a realização de jogo dramático. Para pensarmos nessa atividade, adotamos a concepção de Marinho (2012), para quem o jogo dramático não está subordinado ao texto, visto que este é substituído pela palavra improvisada. Nesse sentido, à dimensão lúdica e prazerosa do jogo

articula-se a descoberta das virtualidades individuais e grupais, capacidade de inventar, de descobrir, de experimentar qualquer aventura sem os riscos da realidade, frisa Marinho (2012). *O jogo dramático* não precisa de cenário, trajes ou adereços, pois a construção do espaço faz-se através do espaço escolar e do mobiliário disponível.

Outra atividade é a criação de histórias em sala de aula, tendo como estímulo um poema, uma notícia, uma fotografia. O professor pode dividir a sala em grupos pequenos para que cada grupo possa desenvolver uma narrativa em forma de cordel.

Nessa direção, o modo como trabalhamos o texto literário indica nossa empatia, nossa abertura, mas também preconceitos, nossas posturas etnocêntricas, sobretudo quando nos propomos a trabalhar qualquer modalidade da cultura popular no âmbito escolar, visto que a escola tem uma enorme importância na defesa, promoção, difusão e conhecimento das manifestações culturais populares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi discutido, a literatura de cordel deve ocupar espaço nas escolas, por contribuir para a formação de sujeitos que refletem sobre o seu papel no mundo e na construção de uma sociedade mais crítica e humana. Assim, ao abordar o cordel em sala de aula, o/a professor/a estará promovendo uma espécie de pequena revolução no espaço escolar, visto que dará espaço para a literatura popular, uma literatura marginalizada por não fazer parte do cânone brasileiro.

Percebemos ao longo do tempo, a função social do cordel sofreu modificação, pois os folhetos já foram um dos principais veículos de informação quando ainda não existia o rádio e o jornal era um veículo escasso. Eles estavam presentes nos mercados, nos serões familiares, nas feiras livres, mas sua função social se modificou, ele transformou-se em livro didático utilizado para alfabetização.

Argumentamos nessa pesquisa que os gêneros são produtos culturais construídos por determinada comunidade histórico-social. Por esse razão, não basta apenas ensinar uma lista de características acerca da literatura de cordel, porque não será suficiente para garantir que um aluno saiba escrever ou ler bem. Ensinar um gênero pressupõe um convívio anterior com esse gênero, conforme destaca Landeira (2009).

O trabalho com a literatura popular pressupõe uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder aprender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor, destaca Marinho (2012). Nessa perspectiva, não se trata de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos, para poder perceber sua dimensão universal (MARINHO, 2012). Nesse bojo de questões, compreendemos que qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento afetivo com a cultura popular.

As experiências culturais de grandes obras artísticas como o cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Assim sendo, a escola deve proporcionar as experiências de trabalho com a Literatura de Cordel, mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa. Nesse sentido, a importância da literatura de cordel nos oferece diferentes formas de aprendizagem e ensinamentos, trazendo para a escola toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. S. Pereira. **Literatura e ensino: perspectivas metodológicas**. In: Rios Eletrônica- Revista Científica da a Faculdade Sete de Setembro. ano 8, n. 8. Paulo Afonso, BA: FASETE, 2014.
- ALVES, José. Hélder. Pinheiro. **O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino**. In: Memórias da Borborema 4 – Discutindo a literatura e seu ensino. São Paulo: Parábola, 2013, p. 36-49.
- ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- BARROSO, Helenice. **Cordel: uma poética da oralidade e do riso**. In. Mesa Redonda - “Folhetos de Cordel, memória e percursos”, organização IELT/Memória Imaterial. 20’20” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=54uo3rXiOYI>>. Acesso em 24 de outubro de 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DANTAS, J.M de S. **Didática da literatura**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na Literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

FOUCAULT, M. Nietzsche, A genealogia e a história, in: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, 1979.

LANDEIRA, José Luiz. **Gêneros textuais na sala de aula**: entre modas e realidades. In: na Ponta do Lápis, ano 1, nº- 2, ago./set., 2005.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliane Borges Correia de; AMORIM, Leila Brito de. Os textos na alfabetização de jovens e adultos: reflexões que ajudam a planejar o ensino. In: **Alfabetizar Letrando na EJA**: Fundamentos teóricos e proposta didáticas. MORAIS, Artur, Gomes de; (ORG) Coleção Estudo em EJA, Belo Horizonte-MG: autêntica, 2010.

MAGNANI, M. R. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo. Cortex. 2012.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólloka Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

RIEDEL, Dirce Côrtes et al. (Org.). **Literatura Brasileira em curso**. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.

SILVA COSTA, René Marc da. **Cultura popular, linguagens artísticas e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.

VIANA, A. **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.